

Título: Os legados da paisagem do Tinguá: elementos para uma geografia histórica.

Autores: Ana Brasil-Machado. Doutora. Professora, Departamento de Geografia e Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Alexandro Solórzano. Doutor. Professor, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

E-mail: anabrgeo@gmail.com ; alexandrosol@gmail.com

Resumo: A paisagem pode ser entendida como um quadro compósito de marcas visíveis em diferentes escalas e originadas em diferentes tempos. Estas marcas contemporâneas atuam como legados que nos permitem descrever interações homem-ambiente passadas e compreender os processos históricos de uso e ocupação do solo e expansão urbana. Além de seu valor documental, as marcas na paisagem podem ser consideradas como elementos patrimoniais constituintes do senso de comunidade, valorização local e possibilidade de aproveitamento econômico. No município de Nova Iguaçu, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a região do Tinguá apresenta uma quantidade importante de marcas na paisagem, o que significa um grande potencial de pesquisa sobre as relações entre natureza e cultura. Este trabalho tem como objetivo identificar, descrever, mapear e analisar os legados da paisagem, subsidiando uma melhor compreensão dos processos de transformação espacial e do potencial patrimonial da área em questão. Foi utilizada uma metodologia mista que inclui levantamento iconográfico, análise de documentos oficiais, fontes secundárias, trabalhos de campo e mapeamentos. A região do Tinguá, desde pelo menos o século XVII, participou ativamente das dinâmicas econômicas e esteve conectada à cidade do Rio de Janeiro. Foi sulcada por diversas vias que integravam os caminhos do ouro, mas também da cana-de-açúcar, do café e da laranja. Já no final do século XVII, começa a ser construído o Caminho Novo, uma rota alternativa para o escoamento do ouro proveniente da região das minas. Já a Estrada Real do Comércio, se prestava ao escoamento do café e foi construída nas primeiras décadas do século XIX. No final do século XIX, foi inaugurado o ramal Tinguá da Estrada de Ferro de Rio D'Ouro, que ligava a Vila de Cava à localidade do Tinguá, servindo ao escoamento do café e, posteriormente dos cítricos. A paisagem do Tinguá também foi marcada pela construção de um engenhoso sistema de captação e abastecimento de água no século XIX. Em 1833, os mananciais da região foram protegidos com vistas a solucionar a crise hídrica do Rio de Janeiro. Já em 1941, a região foi categorizada como Floresta Protetora da União e, em 1989, como Reserva Biológica do Tinguá. Atualmente, a CEDAE, valendo-se da estrutura construída ainda no século XIX, capta água em trinta e duas estações no interior da REBIO, responsável por abastecer municípios da Baixada Fluminense. Os legados da paisagem do Tinguá incluem as ruínas da Fazenda São Bernardino, do Cemitério dos Escravos, e da Igreja de Santana das Palmeiras; antigos caminhos; e os legados biológicos especialmente associados às outras marcas, e que representam importantes usos culturais. Tal paisagem marca a construção das memória e identidade coletivas de seus moradores e aponta caminhos para a consolidação de patrimônios socialmente significativos e a gestão participativa, articulando moradores, gestores das unidades de conservação e quadros do poder público municipal e estadual.